

MATOS, Odilon Nogueira. Por que não uma "Campiniana"?
 Correio Popular, Campinas, 06 maio 1977.

Por que não uma "Campiniana"?

Correio Popular

Odilon Nogueira de MATOS

Por ocasião do bicentenário da cidade, em 1974, tive o privilégio de integrar a comissão destinada a promover as publicações que deveriam assinalar, de maneira duradoura, a efeméride tão cara aos campineiros. As festas e as comemorações cívicas passariam, como efetivamente passaram, mas uma série de publicações ficaria a testemunhar aos pósteros o interesse que a geração de 1974 demonstrou pelas causas da cultura em nossa cidade. Um excelente plano foi esboçado, discutido, revisto não sei quantas vezes, devendo compreender a reedição de obras importantes para a história de Campinas, bem como a edição de numerosos inéditos, alguns elaborados especialmente para a ocasião. As reedições seriam bem cuidadas, anotadas, prefaciadas, curando desta tarefa grandes conhecedores da história da cidade, como Celso Maria de Melo Pupo, Licurgo de Castro Santos Filho, Theodoro de Souza Campos Júnior, José Roberto do Amaral Lapa, entre outros. Durante meses, datilógrafas especialmente contratadas incumbiram-se do estafante trabalho de cópia dos originais ou das reedições, enquanto que os autores responsáveis elaboravam seus prefácios e comentários, seria a Campiniana, que, esperávamos, por todo o ano de 1974, assinalaria um movimento editorial de alta significação para uma cidade de muita história e que contou sempre com bons historiadores. E além do mais, daria Campinas um exemplo de promoção cultural de fazer inveja a muitas outras cidades do Brasil.

Um belo dia, quando mais acalentado ia o nosso ideal, tudo nos foi devolvido, centenas de páginas já datilografadas, outras tantas manuscritas, bem como os livros cedidos para as reedições. E tudo sem uma explicação, sem uma palavra esclarecedora do que ocorrera, sem uma satisfação, enfim, que levasse em conta tanto trabalho e tanto tempo perdido. E assim morreu a Comissão de Publicações, morreu o plano editorial, morreu o ideal de muitos que se animavam a fazer, desinteressadamente, alguma coisa em prol da cultura campineira, tendo em vista o transcurso de tão significativa efeméride, razão mais que suficiente para o estímulo que a todos os integrantes da Comissão entusiasmava.

Só uma coisa não morreu: a minha idéia da "Campiniana", pois sempre entendi que ela se revestia de interesse permanente, não se cingindo às comemorações bicentenárias. Estas seriam apenas a motivação, o ponto de partida. Quando sugeri aos meus companheiros de Comissão a idéia de uma coleção de estudos campineiros (para a qual Celso Maria de Melo Pupo propôs o nome de "Campiniana") não pretendi, de fato, que ela se circunscrevesse ao caráter comemorativo do ano de 1974. Deveria ser — e nisto concordaram todos — uma coleção aberta, a ser acrescida de no-

vos volumes, sempre que a oportunidade surgisse, mediante, naturalmente, o parecer de uma comissão especialmente designada para tal fim. Tinha em mira, entre outras cousas, as inúmeras teses universitárias que estão sendo elaboradas (aqui e em São Paulo) sobre temas campineiros, as quais, como sempre acontece, dificilmente podem interessar a editores comerciais. A nossa "Campiniana" estaria aberta a recebê-las, desde que realmente merecedoras. Não seria apenas de temas históricos, mas de qualquer outra área — sociologia, economia, urbanismo, ciência, literatura — desde que o assunto fosse Campinas. A Prefeitura reservaria, anualmente em seu orçamento, verba para que, pelo menos, dois livros (ou até mais, conforme o caso), pudessem ser editados.

O plano do bicentenário deveria compreender mais de dez volumes. Entre eles, reedições dos livros "clássicos" de Benedito Otávio, Leopoldo Amaral, Rafael Duarte, os escritos de Pelágio Lobo, João Lourenço Rodrigues e Aristides Monteiro, esparsos em jornais, revistas ou folhetos, hoje raríssimos, além de alguns inéditos que vinham sendo elaborados por Licurgo de Castro Santos Filho, Amaral Lapa, Hilton Federici, Francelino de Souza Araujo, entre outros; um volume conteria os trabalhos entre Campinas (cinco ou seis) apresentados ao Congresso de História de São Paulo, realizado em nossa cidade em 1972 e que até hoje permanecem inéditos. E depois, novos volumes, ano a ano, viriam enriquecer a "Campiniana". Quatro teses universitárias de grande valor, vinculadas a Campinas, poderiam ser, de pronto, enfileiradas na coleção: a de Suely Robles de Queiroz, sobre a escravidão em Campinas; a de José Sebastião Witter, sobre Francisco Glicério; a de Ademir Gebara, sobre a propaganda republicana na imprensa campineira; e a de Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, sobre o pensamento político de Silva Jardim.

O último ano do governo passado — como todo último ano de qualquer governo — voltado mais para os problemas eleitorais, não constituiu ocasião muito propícia para a apresentação do plano da "Campiniana". Continuo aguardando oportunidade melhor e creio que esta poderá surgir com a nova administração, através de sua Secretaria de Cultura, que já tem dado provas de grande interesse pelos assuntos culturais. Creio que a Academia Campinense poderá encampar, se assim lhe aparecer, esta idéia da "Campiniana".

O assunto estava um tanto adormecido, mas algo muito importante veio despertá-lo. O exemplo de Taubaté, cuja prefeitura, ao tempo do Engenheiro Milton Alvarenga Peixoto (meu preclaro amigo e antigo aluno no Mackenzie) e que encerrou seu mandato em janeiro último, vem de editar uma "Taubateana", nos mesmos moldes da "Campineana", que estou idealizando. Seis volumes já foram editados, dos quais me ocuparei em próximo comentário. Com o exemplo de Taubaté voltou-me à mente a idéia de algo semelhante em Campinas: por que não uma "Campineana"?